



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



*Análise Macroeconômica*

### CUSTOS DETERMINAM “APERTOS” REGIONALIZADOS

Variação Mensal e Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	junho-05	Jan/05 - jun/05	junho-05	Jan/05 - jun/05	junho-05	Jan/05 - jun/05	
Goiás	0,46%	0,93%	0,62%	1,37%	-0,04%	-13,32%	13,3%
Minas Gerais	0,94%	7,01%	1,31%	6,77%	0,28%	-13,87%	13,7%
Mato Grosso	0,34%	7,10%	0,47%	5,65%	0,57%	-11,15%	16,2%
Mato Grosso do Sul	0,98%	6,12%	1,02%	6,28%	-0,62%	-13,57%	16,4%
Pará	0,13%	3,71%	0,52%	3,14%	-2,06%	-12,34%	8,8%
Paraná	-0,01%	2,68%	0,63%	2,95%	-1,41%	-12,20%	6,7%
Rio Grande do Sul	0,07%	4,90%	0,72%	5,05%	-0,94%	-2,12%	9,6%
Rondônia	-0,56%	6,43%	-0,01%	10,40%	-2,75%	-13,82%	6,2%
São Paulo	0,23%	3,24%	0,65%	4,25%	-0,08%	-12,10%	9,2%
Brasil*	0,41%	4,91%	0,72%	5,04%	-0,52%	-11,76%	

\*- Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais	
Indicadores	junho-05
IGP-M	-0,44%
Acumulado Janeiro	1,75%
Taxa de Câmbio	-1,16%

O aumento dos custos de produção da pecuária de corte segue em ritmo mais intenso que a inflação; a arroba de boi, ao contrário, corre em sentido oposto, registrando consecutivas quedas mesmo nesta época em que, tradicionalmente, os preços começavam a subir. O resultado é a diminuição consecutiva da receita do produtor, podendo ameaçar seus índices de produtividade que conferem à carne brasileira a atual competitividade.

Esse produto, tanto no mercado interno quanto no externo é basicamente tomador de preços, ou seja, o vendedor de carne bovina não consegue impor os preços. Por esse motivo, os custos de produção são o principal parâmetro para as decisões dos produtores e das indústrias como um todo.

No período de dezembro de 2003 a junho de 2005, o aumento dos custos de produção da pecuária chegou a 15,6% quando consideradas depreciações de instalações e maquinários (COT) e a 10,5% se contabilizados apenas os gastos correntes (COE). Os preços da arroba, ao contrário, no mesmo período mantiveram praticamente estáveis em termos nominais, evidenciando as perdas significativas dos pecuaristas. Uma forma hipotética de compensar esse encarecimento da produção seria o repasse para os segmentos a jusante da cadeia.

Isto significa que os preços da carne no mercado interno teriam que subir cerca de 10,5% para que os produtores mantivessem constantes as suas margens operacionais e 15,6% para que sustentassem o ritmo de investimentos ou, ao menos, repusessem insumos que participam da estrutura da propriedade. No mercado externo a situação é ainda mais drástica, pois os custos operacionais efetivos do boi produzido no Brasil subiram cerca de



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



26% em dólar, o que equivale à variação dos custos mais a valorização do Real perante o dólar. Nenhum desses reajustes, contudo, pode ser influenciado pelas “contas” do produtor em curto prazo.

Uma análise regional da pecuária proporcionada pelos dados gerados pelo CEPEA/CNA, levando em conta a variedade dos sistemas de produção adotados, revela que os produtores de Rondônia têm, de longe, a pior condição, acumulando aumento dos custos de quase 29% de dezembro de 2003 até junho de 2005. Na seqüência vem Minas Gerais, com elevações de 22,2%. Os preços da arroba de boi em Minas Gerais neste período chegaram a ter o pequeno aumento nominal de 0,3%, enquanto em Rondônia recuaram 2,74%.

Nos casos de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ainda que os reajustes acumulados nessas praças sejam um pouco menores – de 15,6 a 20% –, preocupam muito, uma vez que esses Estados concentram quase 42% do rebanho nacional. Em São Paulo, os preços da arroba do boi decresceram 1,06%, em Mato Grosso, 0,7% e em Mato Grosso do Sul, 0,64%. Note-se que cinco dos nove Estados inclusos nesta pesquisa acumulam aumento de custos superior à inflação – IGP-M acumulado de dezembro/03 a junho/05 é de 14,4%.

As elevações dos custos operacionais totais no Rio Grande do Sul, Paraná e Pará estão próximas de 11% e a menor é verificada em Goiás, de 8,1%. Somente nessas praças, os reajustes dos insumos pecuários foram menores que a inflação. No entanto, as variações negativas dos preços da arroba ficaram próximas 1%.

Esses percentuais distintos explicam que a intensidade do “aperto” do pecuarista varia, justificando os retornos também heterogêneos da atividade, bem como as percepções e comportamentos particularizados dos produtores das diferentes regiões do País.

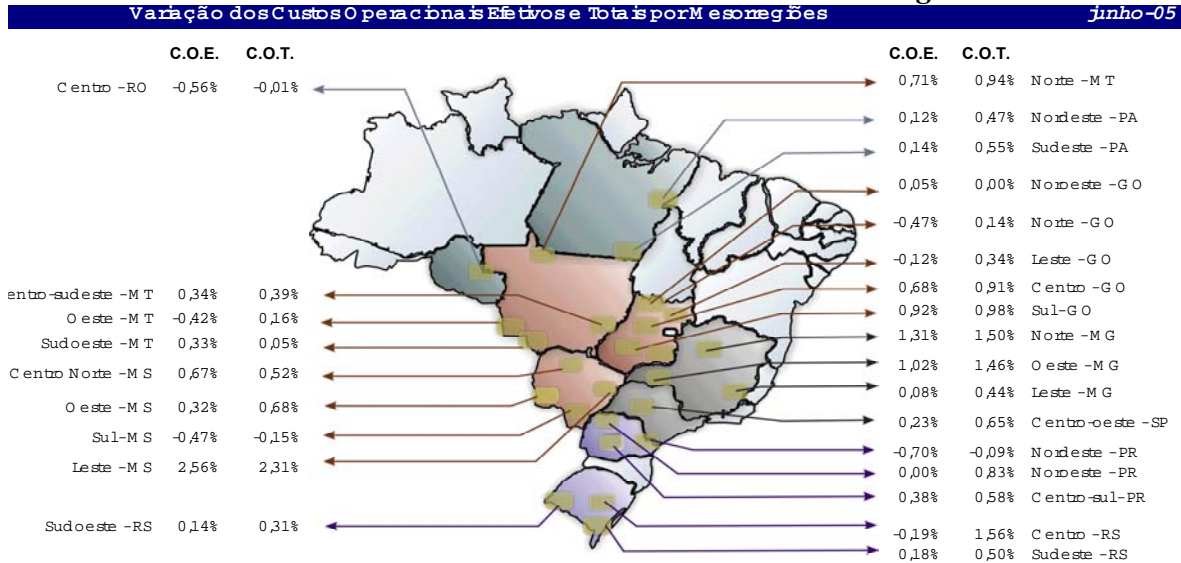
O produtor está, em última análise, consumindo capital, à medida que não consegue cobrir os custos totais da atividade. Isto significa deterioração da qualidade das pastagens e benfeitorias e, num segundo estágio, redução das demandas também por insumos vitais (que integram o COE) como minerais e medicamentos. Por fim, pode ocorrer o abandono da atividade. No atual cenário, a sobrevivência do produtor está condicionada necessariamente a ganhos de produtividade, caso contrário pode-se assumir que este ciclo esteja em andamento, em ritmos diferentes entre as regiões.



**Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP**  
**Referente às variações de Janeiro a Junho/2005**



**Análise Regional e de Insumos**



**INSUMOS SOBEM MAIS QUE NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2004**

No primeiro semestre, os custos operacionais totais acumulam aumento de 5,04%, acima dos 3,75% registrados no mesmo período de 2004. Na maioria dos meses, as variações estiveram relativamente controladas, mas os saltos ocorridos em abril pesaram sobre o acumulado. O aumento dos custos proporcionalmente maior que os de 2004 é um sério agravamento à situação do pecuarista, já que os preços do boi estão em patamares significativamente menores que os do ano passado.

Em março e início de abril, o mercado futuro apontava até R\$ 66,00 para outubro e chegou a beirar os R\$ 67,00 para dezembro, refletindo uma certa euforia no setor, principalmente com a evolução das exportações. No correr de abril, contudo, o boi, para outubro, já caía da casa dos R\$ 65,00 para R\$ 62,00, seguindo em quedas praticamente contínuas. Em meados de julho, outubro já era negociado a R\$ 56,50 e dezembro, a R\$ 57,70.

Em junho, alguns grupos de insumos repetiram os recuos de maio, mas justamente aqueles com maiores pesos sobre os custos subiram. O principal exemplo é o sal mineral, que representa quase 15% dos custos operacionais totais (COT) e foi reajustado em 1,5% na média dos nove Estados incluídos nesta pesquisa; em São Paulo e no Mato Grosso do Sul, esta variação esteve por volta de 3,5%. Os aumentos que tem registrado nos últimos três meses, em parte, se justificam pela maior demanda em época de seca e o frio, que prejudica a produção de forragem.

A suplementação mineral teve altas contínuas até dezembro do ano passado e, neste, recuou levemente em dois meses; mesmo assim acumula alta de 5,1% neste ano na média das regiões pesquisadas, sendo 4% acumulados nos segundo trimestre.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



No MS, 92% das propriedades envolvidas na pesquisa possuem atividade de cria, sendo esse sistema o mais exigente em suplementação mineral (necessidade de fósforo). Por esse motivo, a participação desse insumo nos custos operacionais efetivos dessas propriedades chega a uma média de 30%. Conseqüentemente, esses produtores, que em média têm obtido bons índices zootécnicos (taxa de desfrute, intervalo entre partos, taxa de lotação), o que confirma a utilização de tecnologia/insumos, sentirão mais rapidamente os efeitos dessa variação.

Por sua vez, o aumento do sal no estado de SP representa um forte indício de que outras localidades deverão senti-lo nos próximos meses. Isso ocorre porque a maioria das fábricas de sal mineral está em São Paulo, o que faz com que os pecuaristas deste estado sejam os primeiros a sentir essa variação.

Com aumento mensal superior ao do suplemento ficaram as máquinas e implementos agrícolas, com reajuste de 4,08%. Esses itens sofrem grande influência do mercado internacional de aço, que tem apresentado demanda aquecida.

Outro grupo que tem como matéria-prima o aço são os insumos para construção e manutenção de cercas que, no semestre, teve valorização de 5,6%, perdendo apenas para a mão-de-obra e para máquinas e implementos agrícolas. A ponderação de 4,7% dos insumos para cercas no COT eleva a importância desses reajustes. Com base no histórico desta pesquisa, constata-se que itens para construção e manutenção têm subido ininterruptamente desde dezembro de 2003, havendo uma quebra deste movimento somente em junho, quando os preços médios recuaram meros 0,21%.

Outros insumos que registraram altas freqüentes nos últimos 12 meses e que também recuaram em junho são diesel e lubrificantes, calcário, medicamentos em geral e serviços terceirizados de desmatamento. Ainda que esses insumos tenham baixa representatividade nos custos totais, a mudança de comportamento dos seus preços foi fundamental para compensar, ao menos em parte, as altas do sal e da maquinaria.

Os preços de sementes forrageiras, que são um forte indicativo de investimento na pecuária, têm se recuperado aos poucos das desvalorizações intensas que sofreram no ano de 2003, mas ainda acumulam queda. Como resultado dessa recuperação, no acumulado dos últimos 12 meses, esse insumo contabiliza alta de 2,8%.

Ainda que pese sobre os custos do produtor rural, essas pequenas elevações podem ser indícios de aquecimento da demanda. Mesmo com os preços do boi muito baixos, em termos comparativos, vêem-se alguns pecuaristas dispostos a intensificar o uso de insumos para elevar a produtividade. Nota-se a intenção de investimentos na pecuária também por parte de alguns agricultores, especialmente do Mato Grosso do Sul que tiveram severos prejuízos com agricultura.

Quanto às regiões, Rondônia sofreu, em maio, o maior aumento entre os nove estados, de 1,4% no COT. Já no mês seguinte, foi a única que obteve diminuição estatística dos custos



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



totais, ainda que muito pequena (-0,01%), mas queda de 0,56% do COE. Essa queda foi reflexo de promoções das casas agropecuárias no setor de medicamentos para controle parasitário.

Apesar do ligeiro desempenho positivo em junho, no acumulado do semestre, Rondônia ainda lidera, com aumento de 10,4% do COT. Para o pecuarista deste Estado, a situação é ainda agravada pela queda acumulada de quase 14% no ano da arroba do boi gordo, sendo 2,75% somente de maio para junho. Nos últimos 12 meses, os custos totais em Rondônia acumulam expressivos 17,4% de aumento, maior variação entre todas as regiões nesse período.

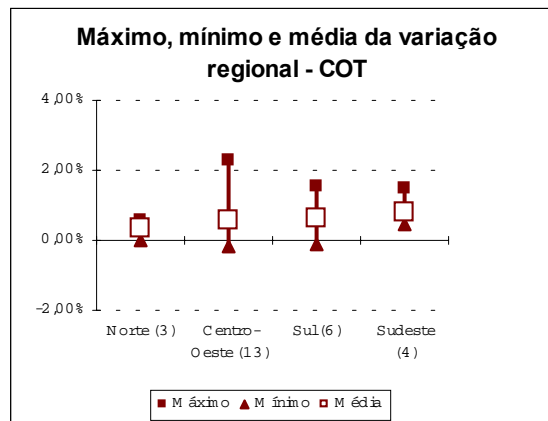
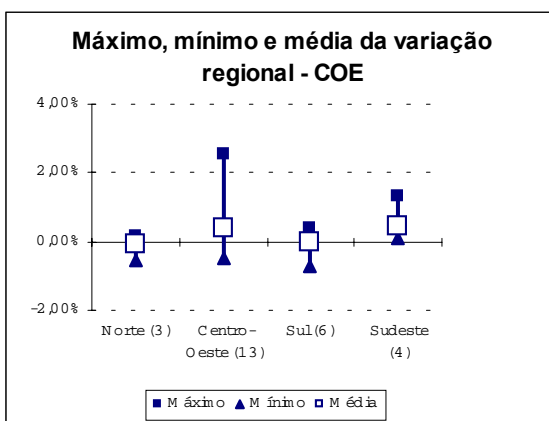
Na média dos nove Estados incluídos nesta pesquisa, a desvalorização acumulada da arroba no semestre é de 11,76%, porém, além de Rondônia, outros seis Estados acumulam quedas acima desta média. No Mato Grosso, o percentual, até junho, é de 11,1% e, destoando fortemente do restante, está o Rio Grande do Sul, com quedas de apenas 2,1%. Os custos nesta região, por sua vez, estão entre os que menos subiram.

Nos últimos 12 meses a desvalorização da arroba do boi gordo nos nove principais estados produtores atingiu 10,71%, sendo que os custos operacionais totais, apresentaram, no mesmo período, um aumento de 8,14%. Só no segundo trimestre de 2005, a desvalorização da arroba do boi gordo ficou próxima de 5,5%, percentual que se torna ainda mais expressivo ao avaliar que os custos operacionais totais, nesse período, subiram 4,4%.

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte				
Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP				
	Ponderações COT		Variações Acumuladas COT	
	JUNHO	jan/05 - jun/05	junho/05	
Diesel em áreas rurais	5,82%	0,79%	-0,21%	
Lubrificantes	0,66%	2,61%	-0,25%	
Adubo em geral	3,83%	-3,92%	-0,23%	
Calcáreo	1,11%	-1,84%	-0,72%	
Sementes forrageiras	1,35%	1,49%	0,58%	
Suplementação Mineral	14,79%	5,13%	1,50%	
Medicamentos - Vacinas	1,48%	-1,28%	1,10%	
Medicamentos - Controle Parasitário	1,13%	1,22%	0,40%	
Medicamentos em geral	0,74%	3,14%	-0,34%	
Insumos para reprodução animal	0,59%	0,12%	-0,21%	
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,70%	5,57%	-0,21%	
Construções em geral	6,85%	4,60%	0,75%	
Máquinas e implementos agrícolas	7,73%	10,00%	4,08%	
Serviço terceirizado de desmatamento	0,94%	2,13%	-0,80%	
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,29%	0,94%	0,45%	
Compra de animais bezerro	9,02%	-1,70%	0,13%	
Mão-de-obra	23,12%	15,37%	0,00%	

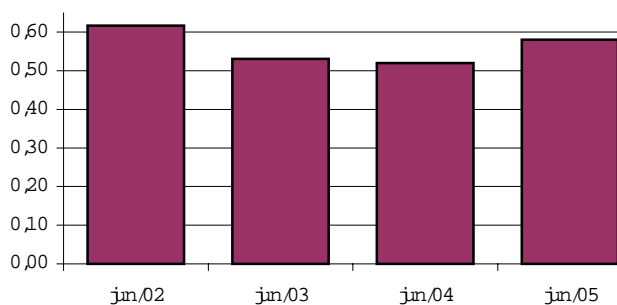


## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



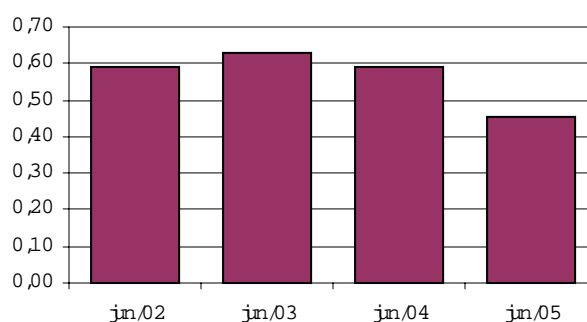
### RELAÇÃO DE TROCA – ESTADO DE SÃO PAULO (Junho/2005)

#### Sal Mineral (@/saco)



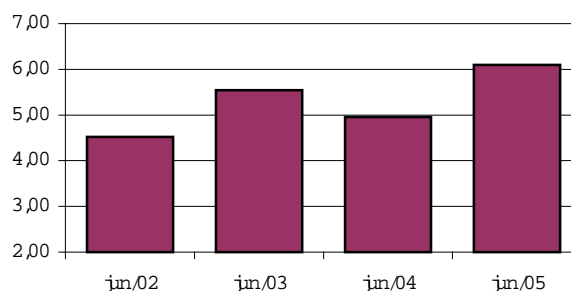
A pequena queda de 0,08% no valor da arroba do boi gordo e a valorização de 3,5% do sal mineral de maio para junho resultaram na perda do poder de compra do produtor em 3,57%. Com relação ao mesmo período do ano anterior, a queda foi de 11,54%. Isso significa que em junho de 2004 para adquirir um saco de sal mineral despendia-se 0,52 arroba e, em junho de 2005, para a mesma compra, foi necessária 0,58 arroba. Como o sal mineral representa cerca de 15% do custo total, uma variação do preço causa forte impacto no orçamento final.

### Calcário Dolomítico (@/t)



O preço do calcário tem sofrido quedas consecutivas e em proporção superior às reduções do preço da arroba. Este insumo é um dos poucos que tem favorecido a relação de troca do produtor de boi. Nos últimos 12 meses, acumulou queda de 31,4%, enquanto o boi recuou 11,4%; só de maio para junho, o preço do calcário caiu 8,6%. No período de um ano, o aumento do poder de compra do pecuarista foi de 22,6% e, de um mês para outro, de 8,5%. Alguns comerciantes atribuem essas reduções à diminuição da procura, resultante do patamar relativamente baixo de muitos produtos agropecuários que inibe investimentos. Para o pecuarista, a aquisição de uma tonelada de calcário, em junho do ano passado, requeria 0,59 arroba e, neste ano, apenas 0,46.

### Óleo Diesel (@/200 litros)



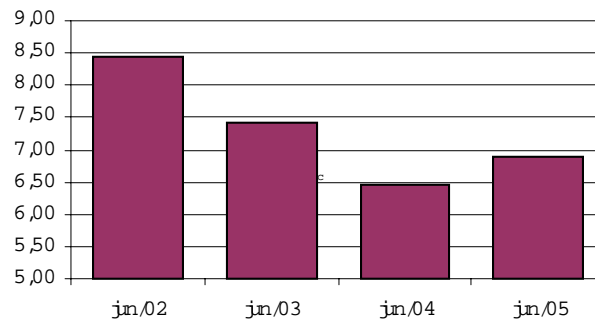
A pequena queda de preço do óleo diesel de 0,62% de maio para junho teve impacto pouco expressivo no poder de compra do pecuarista. Ao invés de 6,13 arrobadas despendidas em maio para a aquisição de 200 litros do combustível, em junho, bastaram 6,10 arrobadas, melhora de 0,54%. Já em relação aos últimos 12 meses, o saldo é contrário. De junho de 2004 para este, o insumo teve uma valorização de 9,04%, ao passo que o boi caiu 11,4%, reduzindo em 23,08% o poder de compra. Para o mesmo período nos últimos quatro anos, em 2005 o pecuarista teve sua pior relação de troca com esse insumo.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Junho/2005



### Bezerro – SP (@/Cabeça)



A desvalorização maior do bezerro que do boi favorece a relação de troca do internista, mas não deve ser encarada, de forma alguma, como um indicativo favorável à pecuária nacional. Diminuições do preço do bezerro são negativas para o pecuarista que está na base do setor e a sua retração a investimentos pode trazer prejuízos para toda a cadeia. Em junho, o internista precisou de 6,84 arrobas de boi para comprar um bezerro de 8 a 12 meses, nelore, uma melhora de 1,18%. Em maio, a troca se dava por 6,92 arrobas e em junho do ano passado, por 6,42, o que significa, então, uma perda de 6,49% para o internista. Nos últimos 12 meses, o boi desvalorizou 11,41% e o bezerro, 5,65%.